

Tipo: Artículo original - **Dossier:** Internacionalización, enseñanza de lenguas y formación de profesores

Estudos no exterior: analisando uma prática de Internacionalização na Educação Superior

Estudios en el extranjero: analizando una Práctica de Internacionalización en la Educación Superior

Patricia Reis

*Universidade do Estado do Amazonas,
Manaus - Brasil.*

<https://orcid.org/0000-0002-1710-0433>

e-mail: reispatricia2003@yahoo.com

Recibido: 3/3/2025
Aprobado: 24/5/2025

RESUMO

Um das estratégias para a internacionalização nas universidades é a criação de oportunidades de estudo no exterior, seja através de cursos de curta ou longa duração. Neste artigo exploramos a oferta de cursos de verão em diferentes países, realizada por uma universidade americana, no ano de 2025. Nosso objetivo é analisar essa prática em conjunto com o Plano Estratégico para a Internacionalização da universidade. O percurso metodológico envolveu uma visita aos Estados Unidos em outubro e novembro de 2024 para observação de alguns dos encontros realizados pela instituição para divulgar os cursos em preparação para o ano seguinte. O conceito teórico que embasa as observações é o de internacionalização abrangente (Hudzik, 2011) e os resultados apontam os pontos positivos na proposta da universidade, assim como sinaliza caminhos que poderiam levar a instituição a um processo de internacionalização mais abrangente.

Palavras-chave: Internacionalização; Plano estratégico; Cursos no exterior.

RESUMEN

Una de las estrategias de internacionalización en las universidades es la creación de oportunidades para estudiar en el extranjero, ya sea a través de cursos de corta o larga duración. En este artículo, exploramos la oferta de cursos de verano en diferentes países, realizados por una universidad americana, en el año 2025. Nuestro objetivo es analizar esta práctica en conjunto con el Plan Estratégico de Internacionalización de la universidad. El camino metodológico implicó una visita a Estados Unidos en octubre y noviembre de 2024 para observar algunas de las reuniones realizadas por la institución para dar a conocer los cursos que se preparan para el año siguiente. El concepto teórico que sustenta las observaciones es el de internacionalización integral (Hudzik, 2011) y los resultados resaltan los puntos positivos de la propuesta de la universidad, además de señalar caminos que podrían llevar a la institución a un proceso de internacionalización más integral.

Palabras clave: Internacionalización; Plan estratégico; Cursos en el extranjero.

Conflictos de Interés: ninguno que declarar

Fuente de financiamiento: sin fuente de financiamiento.

DOI: <https://doi.org/10.47133/NEMITYRA20250702b-A8>

BIBLID: 2707-1642, 7, 2, pp. 130-138

Editores responsables: Lucas Araujo Chagas (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) y Luis Eduardo Wexell-Machado (Universidad Nacional de Asunción).

Introdução

Este texto reúne reflexões feitas no segundo semestre de 2024, período em que investiguei, durante um estágio de pós-doutorado, o processo de internacionalização do ensino superior em duas universidades, sendo uma brasileira e uma americana. Na universidade brasileira, foquei em uma das práticas de internacionalização da universidade, a saber um evento científico que reuniu alunos de diferentes origens, para debater questões relacionadas à acolhida que tiveram na instituição brasileira, os desafios que enfrentam e também para ouvir sobre seus países e suas trajetórias acadêmicas.

Na universidade americana, também foquei em uma prática de internacionalização da universidade, a qual consiste na oferta de cursos de verão no exterior, ministrados por professores da instituição, que levam os alunos interessados a diferentes destinos, com o propósito de aprender sobre os países que os recebem, suas culturas e costumes. O presente artigo descreve a realização do segundo momento, listando os países escolhidos para os cursos que acontecerão no exterior, suas temáticas e as reflexões geradas a partir dessa experiência. Para uma melhor compreensão da proposta lançada pela instituição, foi explorado o Plano Estratégico para Internacionalização, que adiante será apresentado.

Para que os estudantes universitários estivessem a par dos cursos de verão que acontecerão em 2025, a universidade organizou uma série de encontros, divulgando a programação e esclarecendo as dúvidas dos alunos. A descrição desses encontros foi feita no Percorso Metodológico, seção que vem após o Referencial Teórico que apresentamos a seguir.

Referencial teórico

Para este estudo faz-se importante compreender o conceito de internacionalização abrangente. A principal referência teórica é o trabalho de Hudzik (2011), que defende a necessidade uma internacionalização que acompanhe a reconfiguração global das economias, sistemas de comércio, da investigação e da comunicação, e o impacto das forças globais na vida local.

Segundo a proposta de Hudzik, temos Souza (2023, p.4) que acredita que para se alcançar uma internacionalização abrangente, “o conhecimento sobre as ações de internacionalização por parte do corpo docente e administrativo das instituições de Educação Superior e, possivelmente em consequência, seu engajamento nessas ações é desejável”. Ou seja, o movimento rumo à internacionalização envolve toda a comunidade universitária, que precisa ser preparada para o desenvolvimento de suas ações.

O Conselho Americano de Educação (c2025) define internacionalização abrangente como uma estrutura estratégica que busca tornar as instituições educacionais mais orientadas globalmente e conectadas internacionalmente. O modelo abrangente de internacionalização abraça uma mentalidade de crescimento organizacional, como um processo contínuo e não estático. Reconhece que todos os constituintes de uma faculdade ou universidade são fundamentais para a transformação equitativa e intercultural da instituição. A internacionalização é ainda entendida como um espírito colaborativo e integrado, que não pode

acontecer de forma isolada ou reservada a um número limitado de estudantes (American Council on Education, c2025). É esta ideia que embasa a proposta de internacionalização da universidade visitada.

O percurso metodológico

Para a divulgação dos cursos de verão que serão realizados no exterior no ano de 2025, a universidade americana realizou alguns encontros presenciais e outros virtuais, através das plataformas *Zoom* e *Teams*. Esta pesquisa parte da observação dos encontros presenciais, momento que desencadeou questões relacionadas às estratégias de internacionalização adotadas pela universidade. Na busca de respostas para essas questões, o Plano Estratégico para Internacionalização da universidade foi consultado e uma seção deste texto foi elaborada a partir dessa consulta.

Como proposta metodológica, algumas questões foram levantadas, em diálogo com meu supervisor de pós-doutorado, para serem investigadas durante minha visita aos Estados Unidos. A visita aconteceu nos meses de outubro e novembro de 2024 e algumas das perguntas propostas foram:

1. A universidade tem um plano estratégico para internacionalização?
2. Que tipo de *international framework/policy* eles têm?
3. Qual é o conceito de internacionalização que eles seguem?
4. O Conselho American de Educação (ACE - American Council of Education) é mencionado no Plano Estratégico?
5. A universidade leva em conta o que a NAFSA estabelece? É citada no Plano Estratégico?
6. Quais são algumas das estratégias da Universidade para sua Internacionalização?
7. Quais são as exigências da universidade em relação à proficiência linguística?
8. Como a universidade se autoavalia?

Logo adiante seguem respostas às perguntas que levantamos. Respostas que poderão ser expandidas com novos dados, novas provocações. São repostas elaboradas a partir da investigação desenvolvida, mas que não se fecham a novas perspectivas. A primeira pergunta feita diz respeito ao próprio Plano Estratégico para Internacionalização da universidade. Antes da viagem, refletíamos sobre quais seriam as metas deste plano. A seguir apresentamos sua síntese.

Discussão dos resultados

Plano Estratégico para Internacionalização da Universidade

Com metas a serem alcançadas até 2025, o plano estratégico da universidade começa com a seguinte citação: “Como uma universidade de investigação abrangente, temos o

privilégio de levar nossas pesquisas, aprendizagem, envolvimento e desenvolvimento econômico para além do nosso campus. Nossa missão começa aqui, mas nosso impacto é global”. Junto aparece uma foto impactante de duas pessoas de nacionalidades diferentes andando juntas pelo campus da universidade.

Com esses dizeres e foto, o Plano Estratégico para Internacionalização da universidade nos passa uma mensagem de comprometimento e de interesse pelas relações com outros países. Em seguida, aparece o sumário do documento, com destaque para quatro prioridades: 1) alcançar excelência em educação global para todos os estudantes; 2) atrair e apoiar alunos internacionais; 3) apoiar a internacionalização do corpo docente; 4) fortalecer as principais parcerias e colaborações internacionais estratégicas da universidade.

Uma das metas estabelecidas no Plano Estratégico é aumentar para 2.000 o número de participantes da comunidade acadêmica local em estudos no exterior. Com o número recente de 1298 participantes por ano, a universidade está na posição de número 56 entre as universidades americanas que enviam estudantes para o exterior, de acordo com o portal de dados *Open Doors*. Elevando o número para 2.000 participações a universidade estará entre as 25 primeiras universidades americanas, que enviam alunos para estudos no exterior.

A universidade visitada segue o conceito de Internacionalização Abrangente. Na terceira página de seu Plano Estratégico para a Internacionalização, é apresentada uma discussão sobre o que se entende por internacionalização baseando-se em Hudzik (2011), mais especificamente em um de seus textos publicado pela NAFSA, (*National Association of Foreign Students Advisors*), associação mencionada em uma das questões aqui levantadas.

A NAFSA organiza, anualmente, uma Conferência reconhecida como o maior congresso de gestores de educação internacional do mundo. A associação realiza também um encontro de sensibilização, intitulado Dia da Advocacia (*Advocacy Day*) com o intuito de estabelecer uma conexão entre educadores internacionais e o Congresso, para garantir que os legisladores entendam o valor do intercâmbio e da educação internacional. No Plano Estratégico para Internacionalização da universidade visitada é lamentado o fato de a universidade não ter participado do encontro em Washington, D.C. e perdido a oportunidade de defender a educação internacional perante os legisladores de seu estado.

O Plano Estratégico ressalta que a internacionalização abrangente tem se tornado imperativa e deve envolver lideranças institucionais, professores, estudantes e técnicos e unidades de apoio. O Conselho Americano de Educação (*American Council of Education – ACE*), cuja proposta de internacionalização preza por esse envolvimento, não é explicitamente citado no documento, mas suas orientações são apreendidas ao longo do plano.

Por outro lado, são citados no Plano Estratégico os Conselhos Americanos para a Educação Internacional, junto a organizações não governamentais como o Instituto de Educação Internacional (IIE) e a Laspau. O plano também enfatiza a necessidade de fortalecimento das relações que a universidade tem com esses órgãos, além daquelas com as agências governamentais (Departamento de Estado, Comissão Fulbright, EducationUSA, etc.).

Durante o período em que estive no *campus*, foram organizados dois encontros entre a comunidade acadêmica e representantes da IIE e da Comissão Fulbright, o que reflete o

empenho da instituição em promover o diálogo entre a comunidade acadêmica e esses órgãos. Essas relações representam oportunidades, que aparecem no plano como essenciais para o desenvolvimento de programas internacionais.

Para que o processo de internacionalização seja abrangente, a universidade vem adotando algumas estratégias, dentro e fora da instituição, dentre elas a captação de estudantes para participação em cursos de verão no exterior. A partir de encontros com os estudantes, intitulados Sessões de Informação sobre Estudos no Exterior (*Study Abroad Info Sessions*), a universidade busca divulgar novas oportunidades de estudo e incentivar práticas de mobilidade acadêmica. A realização das sessões de informação aos alunos esclarece e informa aos interessados o que aprenderão com a experiência, academicamente e pessoalmente.

Os cursos de verão no exterior como uma prática de internacionalização abrangente

Sessões de informação sobre cursos no exterior foram organizadas por docentes da instituição que ministrarão cursos no verão de 2025, nos seguintes países:

1. Curso de espanhol na Espanha e no Peru.
2. Curso sobre Justiça Criminal e Juvenil comparada, em Costa Rica.
3. Curso sobre Cultura, Saúde Pública e Serviço Social na Grécia.
4. Estágio em Ciências da Saúde, na África do Sul.
5. Escola de Campo arqueológico, na Itália.
6. Curso “Encruzilhada no Mediterrâneo”, na Sicília.
7. Curso sobre Multiculturalismo e Identidade em um programa de Contexto Global, em Portugal e Espanha.
8. Curso sobre Ética na Enfermagem, na Itália.
9. Curso “Aprendizagem e Ensino em Contextos Interculturais”, na Grécia.
10. Curso “Da Era do Bronze ao Império Bizantino”, na Grécia.
11. Curso “Pacificação e Manutenção da Paz no Caribe Moderno”, na Jamaica.
12. Curso sobre Comunicação e Cultura na Toscana, na Itália.
13. Curso sobre Música e Arte, na Áustria e na Hungria.
14. Curso “Serviço Global: Conservação de Elefantes, no Norte da Tailândia”.
15. Curso “Política e Sociedade na Ásia Central”, no Quirguistão e Uzbequistão.
16. Estágio em Ciências da Saúde, no Chipre.
17. Programa de Ensino no exterior/estágio, na Índia.
18. Estudos na Universidade de Nicósia, no Chipre.
19. Curso “História Mundial” no Palco Alemão, na Alemanha.

20. Curso sobre assistência médica sob uma perspectiva global, na Coréia do Sul.

21. Estudos na Universidade da Ânglia Oriental, na Inglaterra.

Participei de algumas dessas sessões de informação, no mês de novembro de 2024 e, a seguir, as descrevo brevemente. Meu critério de seleção foi baseado na modalidade dos encontros. Optei pelos encontros presenciais, em oposição aos encontros online, que foram realizados através das plataformas *Zoom* e *Teams*.

Minha primeira participação foi em uma sessão de informação sobre a Grécia. O professor responsável explicou o objetivo do curso e apresentou o cronograma das atividades que seriam realizadas no próximo verão. Fotos de viagens anteriores foram compartilhadas e, ao final, uma explicação foi feita para esclarecer dúvidas quanto ao custo do curso, despesas e também sobre a possibilidade de viajar com bolsa parcial de estudos. Este procedimento de esclarecimento sobre as despesas repetiu-se em todas as sessões, sendo sempre feito por alguém do programa de Estudos no Exterior (*Study Abroad Program*).

Na Grécia também será ofertado um curso sobre a história da Grécia antiga, com visitas a ruínas, museus e sites arqueológicos. A viagem inclui uma viagem de barco a ilhas como Mykonos e Delos e estão também entre os lugares que serão visitados: o Museu Arqueológico de Delfos, a região do Peloponeso, Náuplia, Sparta, Epidauro, Elêusis, etc. Outro museu arqueológico a ser visitado é o de Atenas. Para participar do curso, é desejável conhecimento anterior em Mitologia Grega, mas não é obrigatório.

Na sessão de informação sobre música e arte em Viena e Budapeste, a professora responsável pelo curso apresentou alguns compositores diretamente ligados ao local em que o curso será realizado e os contextualizou, falando sobre a cultura, a história social e a tradição judaica que podem ser vivenciadas em Viena e também em Budapeste. Entre os locais de visita durante o curso estão memoriais ligados ao holocausto, o Museu Judaico em Budapeste, a Casa do Terror, onde pessoas foram torturadas e mortas, vítimas dos regimes fascistas, entre outros.

O curso proposto em Toscana é voltado para a área de Comunicação. Os estudantes são encorajados a praticar suas habilidades de comunicação com a comunidade local. O curso tem como foco “Comunicação e Cultura” e “Comunicação alimentar”, ou seja, a forma como os fornecedores de alimentos se comunicam com os consumidores sobre a qualidade, segurança e composição dos produtos. Os estudantes visitarão produtores locais e farão perguntas a fim de conhecer a produção de alimentos na comunidade. Siena foi escolhida para a realização de atividades por ser um lugar seguro e fácil de andar. Florença também será visitada. O grupo de alunos também terá a oportunidade de conhecer tradições locais, como a Palio di Siena.

Ainda na Itália acontecerá um curso de Arqueologia, através do qual estudantes poderão explorar sítios arqueológicos em Roma e Monteleone Sabino. O professor responsável pelo curso demonstra vasto conhecimento e paixão pelos lugares onde as atividades acontecerão. Ele apresenta o cronograma de um dia típico durante o curso, incluindo visita a museus, conhecimento da história e cultura locais e escavação. Estavam presentes no encontro, alunos que participaram do curso no último verão. Eles compartilharam a experiência que tiveram, com depoimentos positivos e motivadores.

O último encontro que participei teve por finalidade apresentar o curso “História Mundial no Palco Alemão”, um estudo da história presente em museus, monumentos, memoriais, arquivos, entre outros locais públicos da Alemanha. Foi entregue aos interessados um itinerário impresso, constando locais para visita em Berlin e Leipzig. Aos estudantes foram recomendadas algumas fontes de financiamento, como bolsas oferecidas pela própria universidade e programas como a Bolsa Internacional Benjamin A. Gilman, as bolsas educacionais Roger and Mary Campbell e as bolsas do serviço alemão de intercâmbio acadêmico DAAD.

Após a participação nesses encontros e leitura do Plano Estratégico, reúno, neste artigo, reflexões em torno das perguntas levantadas junto a meu supervisor, no período anterior à minha viagem aos Estados Unidos. São perguntas e respostas que nos levam a entender a realização dos cursos no exterior e sua divulgação entre os alunos, como estratégias baseadas no conceito de internacionalização abrangente, defendido por Hudzik (2011) e adotado pela universidade americana.

Após um estudo do Plano Estratégico para Internacionalização da universidade americana e observação das suas sessões de informação sobre cursos de verão no exterior, acho importante destacar um aspecto que me chamou atenção nas propostas dos cursos: o fato de vários deles terem uma função social. A prática de internacionalização voltada para si só não faz sentido, ela precisa ser um meio para atingir determinados fins, como afirmam Sarmiento, Abreu-e-lima e Moraes Filho (2016):

A internacionalização integra uma dimensão global, uma intercultural e uma internacional às funções e aos propósitos (ensino, pesquisa e extensão) da educação superior nos níveis institucionais e nacionais. Cabe ressaltar que a internacionalização não deveria ter um fim em si mesma, mas, sim, ser um meio para atingir determinados fins, dentre os quais o principal é a melhoria na qualidade da educação superior. Enquanto os propósitos e benefícios esperados são diferentes em cada instituição e em cada país, a expectativa geral é de que a internacionalização contribua para a qualidade e relevância da educação superior em um mundo – como já mencionado – mais interconectado e interdependente (Sarmiento; Abreu-e-Lima; Moraes Filho, 2016, p. 95).

Uma característica ressaltada no plano estratégico, que está clara na realização dos cursos de verão anunciados é a transdisciplinaridade dos cursos. Observa-se que objetivo de criar programas de estudo transdisciplinares no exterior, que ofereçam soluções para desafios enfrentados mundialmente reflete-se em cursos como o de Justiça Criminal e Juvenil, que propõe uma análise do sistema de justiça criminal noutro país em comparação com o local.

Há também o curso de Cultura, Saúde Pública e Serviço Social que propõe um olhar para o desenvolvimento e implementação de intervenções de saúde pública em ambientes nacionais e internacionais. Além de serem voltados para questões sociais e trabalharem a interdisciplinaridade, esses cursos vão ao encontro dos objetivos do Plano Estratégico, que é usar o estudo no exterior e a internacionalização do currículo para alavancar as capacidades de pesquisa da universidade.

O Plano Estratégico cita, como exemplo de temas que podem ser tratados nos cursos no exterior, os 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Com a ajuda de bolsas de apoio e financiamentos, mais alunos e docentes poderão estudar no exterior e, ao regressarem, poderão contribuir para a produção de novas publicações científicas e desenvolvimento das pesquisas realizadas na universidade.

Outra característica interessante dos cursos de verão é a desnecessária proficiência em línguas estrangeiras. Como os cursos no exterior são ministrados por professores americanos, não é exigida a proficiência na língua do país que receberá os estudantes. Os cursos serão ministrados em língua inglesa e o conhecimento da língua local pode ser adquirido através de cursos intensivos oferecidos pelos próprios professores, como complemento. Por exemplo, na Alemanha, após o curso oferecido, aqueles que tiverem interesse, poderão permanecer no país e estudar a língua alemã durante quatro semanas.

Da mesma forma, na Sicília, após o curso que envolve o estudo da culinária, arte, indústria, religião e tradições locais, os alunos são encorajados a desenvolverem a proficiência na língua italiana, durante três semanas. O curso atende alunos em todos os níveis de proficiência.

Percebe-se, assim, que as oportunidades de saída do país para estudar nesses programas de curta duração não são dificultadas pelo desconhecimento da língua local. Mesmo não conhecendo o idioma, o estudante pode participar do programa e observa-se nessa prática uma forma de aperfeiçoamento linguístico para aqueles alunos que já estudam línguas estrangeiras, como italiano ou alemão e querem vivenciar a experiência de estar entre falantes nativos da língua.

Essa abertura para as línguas estrangeiras vem ao encontro da ideia de que “não é possível fazer Internacionalização da Educação Superior sem habilidades e conhecimentos em línguas e interculturalidade e sem ter consciência das especificidades sobre o ensinar-aprender línguas nesse contexto” (Chagas, 2023, p. 10). A internacionalização parte da (e para a) aquisição de novas línguas, movimento que merece ser facilitado e valorizado por toda e qualquer instituição.

Considerações finais

Após esse período de observação numa universidade americana, ressalto que minhas impressões dos cursos foram positivas, em virtude da riqueza de conhecimento cultural que eles oferecem. Por outro lado, vejo uma limitação ao perceber que as propostas se voltam bastante para a tradição europeia e deixam a desejar em relação a outras tradições e continentes.

Esse fato pode ser evidenciado no próprio Plano Estratégico da universidade que se autoavalia através da análise SWOT. A sigla SWOT refere-se a quatro palavras: *strengths*, *weaknesses*, *opportunities*, and *threats*, ou seja, são apontados na análise: os pontos fortes, os fracos, as oportunidades e as ameaças. A análise SWOT é usada para avaliar uma instituição e desenvolver seu planejamento estratégico.

Em seu Plano Estratégico, a universidade americana reconhece, entre os pontos que lista como “fraquezas” o fato de seus programas de estudo no exterior serem de língua inglesa, de curta duração e terem foco na Europa Ocidental. O documento afirma ainda que poucos programas de estudo no exterior são realizados na Ásia, em comparação com o número de estudantes internacionais das parcerias que têm com o continente asiático.

Reconhecer essa falha é um passo importante. Aumentar a oferta de cursos não só na Ásia, mas em países em desenvolvimento ao redor do mundo são passos que distanciam a universidade do norte epistêmico e a aproximam mais do sul epistêmico. Ao propor um leque maior de possibilidades, a universidade levará seus alunos a conhecerem realidades que podem não ser referência no campo de estudos, mas que são lugares que apresentam problemas que podem ser resolvidos ou amenizados com o surgimento de novos parceiros. Assim, serão formadas parcerias de mão dupla, com o propósito de ajuda mútua, que farão jus ao sentido da internacionalização.

Referências

- American Council on Education, (c2025). What is Comprehensive Internationalization. Disponível em: <https://www.acenet.edu/Documents/Model-Comprehensive-Internationalization.pdf>Acesso em: 24 maio 2025.
- Chagas, L. A. (2023) Estudos Linguísticos e Internacionalização na Educação Superior: algumas reflexões. In: Chagas, L. A. & Coelho, J.P.P. (orgs.). *Estudos Linguísticos e Internacionalização na Educação Superior*: transdisciplinaridades, inovações e práxis (9-16). Cassilândia-MS: Fundação Universidade Estadual De Mato Grosso Do Sul: CLEUEMS|UUC.
- Hudzik, J.K., (2011). *Comprehensive internationalization: From concept to action*. NAFSA: Association of International Educators, Washington, D.C. Disponível em www.nafsa.org/epubs Acesso em: 25 nov 2024.
- Sarmiento, S.; Abreu-Lima, D.; Moraes Filho, W. (2016). *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Souza, V. V. S.; Freire Junior, J. C. (2022) Internacionalização em casa como hub na educação superior: uma proposta de formação. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, 9 (0), 1-25. doi: 10.20396/riesup.v9i00.8668387. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8668387>. Acesso em: 25 nov 2024.